

Mensagem 79

Calcutá (Índia), 7 de Novembro 2005

Deixai terminar o vazio da divisão, para que aconteça o Vazio da Divindade.

A divisão na consciência corpórea promove um “Eu” fictício, fora do seu campo de conteúdos fragmentados com os seus permanentes conflitos e contradições. Separar um “Eu” e imaginar que ele está fora deste campo básico é o princípio do pesar humano, sofrimento, dor, problemas, ilusão e desilusão. Este “Eu”, esta fragmentação falaciosa resultante de pesados condicionamentos geração após geração, assume autoridade e começa a interferir com outros conteúdos fragmentados do campo básico da consciência no corpo. A consciência básica, da mesma forma que o “Eu” têm o mesmos ingredientes e entradas abrangendo todos os registos na vasta memória – factuais mas também fantasiosos investimentos psicológicos, positivos ou negativos, dando origem à vaidade e assumidos interesses. Isto não é visto nem compreendido. “Eu” parece ser sempre separado do campo básico dos conteúdos da consciência.

Esta dualidade gera um insignificante vazio do ego como um mecanismo protector de ambos “Eu” e do conteúdo da consciência. Quanto maior o conteúdo, maior o robustecimento do “Eu”. E quanto maior for a consolidação do “Eu”, maior é a procura de conteúdo. E, assim, começa a eterna ânsia do ego pela realização de todas as espécies de desejo. Um desejo, se preenchido ou frustrado, dá origem a mais desejo. E a vida sagrada perde-se no atoleiro do querer e do atormentar-se, obter e açambarcar! O medo, sistemas de crenças, dependências, refrigério e seguranças, emoções, sentimentos, conflitos, batalhas, desconfortos e doenças, acontecem, um por um, ou em simultâneo, destruindo o sistema nervoso e provocando atrofia no cérebro. Tudo isto se fica a dever ao vazio superficial da dualidade na consciência humana, dentro dum espaço e tempos muito limitados.

O encarceramento neste frívolo (superficial) vazio não nos permite vislumbrar o que perdemos – a veracidade do vasto vazio, o qual é completamente diferente do vazio conceptual como espaço e tempo entre dois objectos. A vitalidade deste eterno e existencial vazio é divindade. É incorpórea, mas é Inteligência Suprema e digital a qual também é uma energia tremenda. O vazio pode vê-la. Vós, com todas as vossas ocupações, obsessões e obscuridade só a podeis procurar (buscar), mas nunca a podereis encontrar!

O “Eu” fictício, um fragmento no campo da consciência corpórea, tenta, desesperadamente, dar a si mesmo continuidade e permanência. Esta é a génese de todo o banditismo teológico, em todas as religiões. A dualidade na consciência do corpo propaga-se a todos os níveis da actividade humana – família, sociedade, nação, entre as nações, deus e por aí adiante. Está é causa radical da miséria e tragédia humanas. Será que esta dualidade pode ser extinta? Será que pode aí haver uma fusão entre pensador e pensamento, entre observador e observado, entre espectador e espectáculo, entre experiência e experienciado? Será que pode haver aí uma mutação entre mim e a mente?

Só então o mais sagrado se pode manifestar!

Obrigado Querido Himalaia